



**CENTRO DE HUMANIDADE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CAMYLLA MELO DOS SANTOS**

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DO (A)  
ESTAGIÁRIO (A) DE LETRAS: BREVES DISCUSSÕES**

**GUARABIRA- PB  
2016**

**CAMYLLA MELO DOS SANTOS**

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DO (A)  
ESTAGIÁRIO (A) DE LETRAS: BREVES DISCUSSÕES**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba- Campos III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA-PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Camylla Melo dos  
Ensino de língua portuguesa e as práticas do(a) estagiário(a)  
de letras: [manuscrito] : breves discussões / Camylla Melo dos  
Santos. - 2016.  
21 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e  
Tecnologia, 2016.  
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Língua Portuguesa. 2. Estágio Supervisionado. 3.  
Práticas de Ensino. I. Título.

21 . ed. CDD 410

CAMYLLA MELO DOS SANTOS

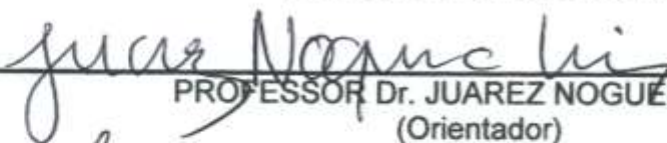
**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DO (A) ESTAGIÁRIO (A)  
DE LETRAS: BREVES DISCUSSÕES**

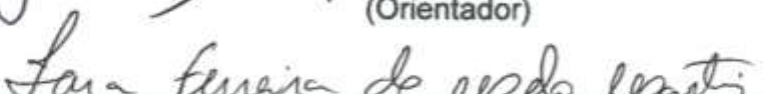
Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba- Campos III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

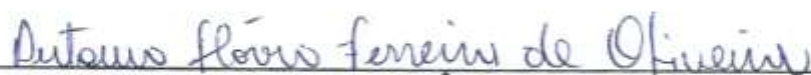
Orientador: Juarez Nogueira Lins

Aprovado em 17 de MAIO de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
PROFESSOR Dr. JUAREZ NOGUEIRA LINS  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
PROFESSORA Dra. IARA FERREIRA DE MELO MARTINS  
Examinador (a)

  
\_\_\_\_\_  
PROFESSOR Ms. ANTÔNIO FLAVIO FERREIRA OLIVEIRA  
Examinador (a)

GUARABIRA-PB  
2016

Aos meus familiares, pela dedicação, companheirismo  
e amizade, DEDICO.

## **ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DO (A) ESTAGIÁRIO (A) DE LETRAS: BREVES DISCUSSÕES**

### **RESUMO:**

O presente trabalho objetiva discutir o ensino de Língua Portuguesa (LP) a partir das práticas de Estágio Supervisionado de língua Portuguesa do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Para tanto, descrever as etapas do estágio, desde a sala de aula até a elaboração do relatório final e analisar tais momentos. O estágio foi realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Guarabira/PB. Para a discussão tomamos como referencial teórico, alguns pressupostos de Bakhtin (2006) sobre linguagem e Antunes (2009), Geraldi (2007), Murrie (2001) e Marcos Bagno (2009) sobre o ensino de língua portuguesa. A metodologia, qualitativa, bibliográfico/interpretativista, consistiu de leitura e interpretação do referencial teórico e das etapas do estágio. O ensino de LP, a partir da ótica do Estágio Supervisionado – as orientações teóricas na sala de aula, as observações e as regências de aula – ainda apresenta algum distanciamento entre o proposto pela teoria e sua efetivação na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de LP; Práticas de Estágio Supervisionado; Dificuldades.

## **LANGUAGE TEACHING ENGLISH AND PRACTICES (A) TRAINEE (A) LYRICS: BRIEF DISCUSSIONS**

### **SUMMARY:**

This paper aims to discuss the teaching of Portuguese Language (LP) from supervised training practices of English language letters Course of the State University of Paraíba. And so, describe the steps of the stage, from the classroom to the final report and analyze such moments. The stage was conducted in a public school in primary and secondary schools in the city of Guarabira / PB. For the discussion we as a theoretical framework, some assumptions of Bakhtin (2006) on language and Antunes (2009), Geraldi (2007), Murrie (2001) and Marcos Bagno (2009) on the Portuguese language teaching. The methodology, qualitative, literature/ interpretive, consisted of reading and interpretation of the theoretical framework and the stage steps. Teaching LP, from the perspective of supervised training - the theoretical orientations in classroom observations and class regencies - still has some distance between the proposed by theory and its implementation in the classroom.

**KEYWORDS:** LP teaching; Practice Supervised Internship; Difficulties.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: AS ORIENTAÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Descrevendo as Aulas de Estágio .....	7
2.1 o Estágio Supervisionado na Área de Letras .....	7
2.2. A orientações teóricas.....	9
2.2. O planejamento.....	11
3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESCREVENDO AS PRÁTICAS NA ESCOLA PÚBLICA DE GUARABIRA .....	12
3.1 Situando a Escola Pública .....	12
3.2 As Observações da Prática Docente.....	13
3.3 As Regências das Aulas .....	15
3.4 O Relatório – breves considerações sobre o estágio .....	17
4. ANÁLISE: ENTRE AS AULAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A REALIDADE DE ENSINO DE LP .....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	18
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	19

## 1. INTRODUÇÃO

Como base teórica, pressupostos de Bakhtin (2006) e PCN (1998), imprescindíveis sobre a linguagem na perspectiva da interação verbal e discussões sobre o ensino de LP, de autores como Antunes (2009), Murrie (2001), Geraldi (2007), Marcuschi (2001) e outros. , procuramos perceber como é visto o processo de ensino de língua portuguesa no Brasil, observando as causas dos problemas que quase sempre são agravados pela falta de docentes. Diante disso buscamos destacar a importância de um contato prévio ente os alunos e futuros profissionais do ensino de língua portuguesa (aluno do curso de letras) o que ocorre durante a fase de observação e regência do Estágio Supervisionado obrigatório. Como vamos descrever e analisar elementos das aulas de estágio supervisionado e as etapas desse estágio, nós enquadramos a nossa pesquisa na vertente qualitativa, de cunho bibliográfico/interpretativista. A pesquisa teve como espaços a sala de aula de estágio e as salas de aula de uma escola pública – ensino fundamental e médio – de Guarabira/PB.

O ensino de língua portuguesa no Brasil vem sendo bastante discutido, desde a década de 80 do século XX, por gramáticos, linguistas e professores. Inserida nessa área de ensino e, dentro da problemática identifica nos alunos e professores, trazemos aqui mais uma discussão, a do estagiário de Letras, concretizada a partir das práticas de estágio supervisionado de Letras/língua portuguesa. Esse é nosso objetivo geral, subsidiado pelos objetivos específicos: descrever as etapas do estágio supervisionado, e tecer algumas análises sobre o ensino de LP, a partir dessa articulação entre a proposta de estágio supervisionado de língua portuguesa e a realidade das aulas.

Este estudo se faz necessário pela importância de melhorar o ensino de LP, tendo em vista que ingressamos na área e, pela importância do estágio supervisionado na formação inicial dos professores de língua portuguesa. Acreditamos que é na prática, e o estágio propicia isso, que o aluno de letras terá um contato real do ambiente escolar. E mais, esse contato com a realidade fará com que o futuro professor (a) vislumbre um mundo de dificuldades e oportunidades, propícias para problematização da realidade escolar, pesquisas e propostas.



## **2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: AS ORIENTAÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Descrevendo as Aulas de Estágio**

### **2.1 o Estágio Supervisionado na Área de Letras**

O Estágio Supervisionado, enquanto componente curricular, proporciona aos licenciandos (no caso em questão, o curso de Letras) o contato com o ambiente que esses futuros profissionais irão, possivelmente, frequentar após estarem *aptos* a exercerem o ofício de professores (as), após devidamente diplomados

Para muitos, deste primeiro contato, dependerá a escolha pela continuidade ou não da profissão para a qual eles se prepararam durante todo o período em que frequentaram a universidade. Como podemos perceber, o Estágio Supervisionado é fundamental em um curso de formação docente. Sobre esse componente curricular, Santos e Lonardoní (2001, p. 167) afirmam que:

A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa constituem-se em atividades caracterizadas como disciplina, ministrada nas séries finais dos cursos de Letras, após os alunos terem uma visão das principais teorias e fundamentos pertinentes à área.

Diríamos, então, que o artigo se trata de um ponto de convergência entre a teoria e a prática, lugar em que se confrontam realidades teóricas e a vivência pedagógica propriamente dita. No curso de Licenciatura Plena em Letras, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, localizado na cidade de Guarabira — PB, a disciplina Estágio Supervisionado tem início no terceiro ano e é concluída no quarto e último ano, ou seja, são dois anos de estágio, dividido em três momentos: Estágio I, II e III. O primeiro momento (fase de observação) consiste no contato inicial propriamente dito entre o estagiário e a escola (que por determinação da UEPB deve ser da rede pública de ensino e localizada na cidade sede da universidade). É nesse momento que o estagiário irá observar todo o espaço físico (instalação), os recursos humanos e materiais da escola-campo do estágio; além disso, há ainda outro objetivo também importante que é a observação do alunado e do professor no momento das aulas de Língua Portuguesa.

É na observação das aulas, da relação entre alunos e professores, que o estagiário terá uma visão da realidade do ensino de Língua Portuguesa. O estagiário

observará como o professor interage com os alunos, quais são as estratégias pedagógicas utilizadas pelo docente na transmissão dos conteúdos de sua disciplina.

Ao mesmo tempo em que o estagiário observa a atitude do docente, percebe como é a reação dos alunos diante do professor e dos conteúdos de Língua Portuguesa por ele ministrados na aula. Nesta fase, percebemos o quanto é difícil trabalhar com crianças tão diversificadas e sem motivações, que muitas vezes nem tem o apoio da tecnologia para contribuir na aprendizagem é apenas a junção do professor e o livro didático.

O estagiário de Letras deve anotar tudo o que observou nas aulas, os erros e acertos professor, não com a intenção de apenas criticá-lo, mas sim, para adquirir experiência. Também devem ser anotadas as ações e reações dos alunos na aula de Língua portuguesa e as dificuldades dos mesmos em relação aos conteúdos ministrados. Ao término dessa primeira fase (observação), o estagiário de Letras terá adquirido um pouco de experiência que irá lhe servir muito na segunda fase do estágio (fase de regência).

Na fase de regência II e III (no último ano do curso), o estagiário de letras terá a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos que adquiriu durante os anos anteriores do curso. É nesse momento que ele terá a experiência da prática de ensino propriamente dita; em que não irá mais só observar, mas sim, ser observado, tanto pelos alunos como pelo professor de Língua Portuguesa da turma em que fará o estágio. Essa experiência oferece aos futuros professores uma visão de como é trabalhar na sala de aula, ter um contato direto com o que estudamos e além da experiência da professora que titular da sala que não só observa como também ajuda quando necessário com seu conhecimento de turma.

Como podemos perceber, os pontos de vista alteram-se, ou seja, quem observava é agora observado. Todas as dificuldades do professor de Língua Portuguesa que antes foram observadas pelo estagiário (falta de interesse dos alunos, por exemplo) serão agora suas próprias dificuldades. É também na fase de regência que o estagiário será avaliado. O professor titular de Língua Portuguesa que observa o estagiário na escola-campo recebe um formulário na qual preenche as informações referentes à prática pedagógica do estagiário. Tal avaliação se faz necessária, pois servirá para a atribuição da nota do estagiário na disciplina Estágio Supervisionado II.

Mas não é apenas o professor quem avalia o desempenho do estagiário, os alunos também o fazem. Caso estes percebam certa insegurança por parte do estagiário, isso poderá refletir na forma como eles irão se comportar diante da aula. Como se vê, as duas fases do estágio são muito diferentes, mas cada uma tem sua importância na formação do futuro professor de Língua Portuguesa. Segundo Santos e Lonardini (2001), na fase de estágio, o estagiário de letras, se depara com muitas dúvidas sobre o seu desempenho na sala de aula. Se os alunos gostam ou não das aulas, se o professor supervisor aprovou o desempenho, com o agir diante das perguntas que surgem inesperadas, que conteúdos trabalhar mais, como avaliar a aprendizagem, como conviver com as diferenças, com a indisciplina, entre outras situações.

No estágio podemos perceber que não é fácil estar no lugar do professor. E, que o profissional observado passa por inúmeras situações de conflito, algumas das quais, passaremos também, enquanto estagiário (a). Mas, sem dúvidas, são momentos essenciais para todos aqueles (as) que desejam, ao terminar uma licenciatura, adentrar na carreira do magistério, público ou privado. Embora seja por pouco tempo, a experiência é válida e nos prepara, minimamente, para a realidade do ensino, no nosso caso, língua portuguesa, que tem suas próprias dificuldades, enquanto disciplina curricular, independente das séries. Ensinar essa disciplina, fugindo do tradicional e, dentro de uma perspectiva interacional, como sugerem os estudos bakhtinianos, presente nas orientações dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), pois nem sempre a realidade dos alunos atuais e das escolas contribuem para isso.

## **2.2. A orientações teóricas**

Quanto ao ensino de língua portuguesa, temos consciência de que apenas o conhecimento de teorias não é suficiente para mudar a realidade do ensino do português, mas por outro lado, sem esses fundamentos é muito mais difícil pensar a prática. Então, partindo do princípio de que o estágio deve se constituir em espaço de reflexão sobre a prática, seja a dos professores, seja a dos licenciandos (as) (PIMENTA e LIMA, 2012), seguiu-se os seguintes direcionamentos:

Ao iniciar as regências ele (a) deve perceber a língua não como um bloco compacto, homogêneo e imutável, mas na sua dimensão histórica e social e que,

portanto, muda no tempo e no espaço, de acordo com as situações sociais. Para Bakhtin (2006) a linguagem constitui-se nas interações sociais e não como um sistema abstrato de normas. Uma vez que as interações verbais se dão no interior de diversas instâncias comunicativas, diferentes são também as formas de expressão que servem aos interlocutores envolvidos no processo de interlocução. Seguindo esses pressupostos, a orientação se fez nos seguintes eixos: gramática, leitura, produção de texto e oralidade.

Quanto ao ensino de gramática: o objetivo da escola é ensinar a norma culta, essencialmente no que diz respeito à modalidade escrita da língua, com o intuito de desenvolver a competência comunicativa do aluno. O ensino de gramática também opera nesse sentido, partindo, porém, do uso. Sendo assim, diante da proposta dos PCN (BRASIL, 2000) de se trabalhar com textos que circulam socialmente, faz-se necessário o confronto desses diferentes tipos de texto, admitindo-se que a norma não padrão também faz parte do uso que se faz da língua na modalidade escrita, dependendo do tipo de texto e da situação comunicativa em que ele foi empregado.

A concepção de leitura volta-se para a concepção de linguagem como interação, visando ao desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita. Quanto mais o desempenho linguístico do indivíduo é estimulado por meio de práticas interativas, maior é a sua autonomia em aprender e maiores as possibilidades de interação social.

Quanto à produção de texto: É preciso abandonar as práticas de ensino tradicionais, centradas na transmissão/recepção de conhecimentos, em favor da sala de aula como “lugar de interação verbal, de diálogo entre sujeitos portadores de diferentes saberes” (GERALDI, 2009, pag 30). Isso requer uma dialogicidade constante e o abandono de crenças por parte de professores e alunos, deslocando-se de planejamentos rígidos para programas de estudo elaborados no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a substituição de redação por produção de textos exige que se considere a correlação existente entre os textos já produzidos, observando-se seu processo de produção, a partir do qual surgirão outros textos.

Quanto à oralidade: a importância de desenvolver a capacidade de uso da modalidade oral da língua dá devido à ênfase dada às práticas sociais, em que fala e escrita exercem usos e funções definidos. Desse ponto de vista, as modalidades

de fala e escrita, assim denominadas enquanto produção textual-discursiva são chamadas de oralidade e letramento, uma vez que dizem respeito a práticas sociais interativas (MARCUSCHI, 2001).

Considerando essa discussão teórica como um elemento importante para orientar o estágio supervisionado de Língua Portuguesa, abordaremos, a seguir, o nosso planejamento.

## **2.2. O planejamento**

Apresentamos nesse tópico, de forma sucinta, o nosso planejamento para iniciar o estágio. Nosso primeiro contato com o componente estágio supervisionado foi no semestre anterior, com o estágio I (Observação no fundamental e no médio). Ao iniciar o semestre letivo discutimos alguns textos teóricos sobre o ensino de LP e após a análise de aulas simuladas, iniciamos a observação da prática docente, nas escolas designadas para cada aluno. No estágio II (Regência no ensino fundamental) novas discussões teóricas, planejamento e regência de microaulas, ainda na UEPB. As microaulas ministradas serviram de base para aquilo que viríamos nas escolas, uma prévia das aulas de estágio. Seguimos para as escolas ( Ensino fundamental: Escola Municipal de Ensino Fundamental Osmar de Aquino e Ensino Médio: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho), após contato com a direção e os professores de língua portuguesa, nos discutimos com estes últimos e realizamos complementações no nosso planejamento, de forma a adequá-lo às necessidades das escolas.

O estágio foi realizado na Escola Osmar de Aquino, está localizada na Rua Luiz José de Oliveira, na cidade de Guarabira/PB. É subordinada à secretaria de Estado da Educação, junto a 2º Gerência Regional de Educação, com a sede na cidade de Guarabira/PB.

A escola possui em sua estrutura nove salas de aulas com capacidade para 40 alunos. A instituição possui um espaço para funcionar a sala dos professores que conta com mesas para estudos e planejamentos e armários individuais. No que se refere aos espaços destinados às atividades administrativas, a escola apresenta uma sala para a secretaria e uma sala para a direção escolar. No espaço da cantina, a escola possui uma cozinha com fogão industrial e freezer para conservação dos alimentos perecíveis. Além disso, a cantina também dispõe de um

deposito para o armazenamento de alimentos destinados a merenda. A instituição oferece um almoxarifado para o deposito de materiais usados para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, possui banheiros, onde dá muitas possibilidades para os portadores de necessidades especiais tanto na entrada da escola como nos demais setores também, todas bem apropriada para as crianças que necessitem, as condições sanitárias são suportáveis apesar do mau cheiro dos banheiros.

As salas de aulas possuem ares condicionados, portas, janelas e lousa, conservadas, a mesma se encontra organizada e limpa, tornando o ambiente agradável para os alunos, professores e funcionário. No próximo tópico descrevermos as práticas realizadas nas escolas.

### **3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESCREVENDO AS PRÁTICAS NA ESCOLA PÚBLICA DE GUARABIRA**

#### **3.1 Situando a Escola Pública**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, encontra-se na Rua: Henrique Pacífico, Primavera, na cidade de Guarabira/PB.

A referida instituição oferece o Ensino Fundamental do I E II e a noite o EJA (Educação de Jovens e Adultos). O espaço físico da escola é constituído por varias salas de aula, diretoria, secretaria, quatro banheiros. As salas de aulas apresentavam []8 lâmpadas, e lousa de pincel. A instituição oferece segurança aos alunos com vigilante. A escola se mostra bem desconfortável, sem ventilador em algumas salas de aula, tornando o ambiente um pouco inapropriada para os alunos, professores e funcionários. A instituição oferece merenda para os alunos como: galinha com macaxeira, suco com bolacha, leite com Nescau etc. A escola oferece alguns recursos didáticos: aparelho de som, TV, DVD, retroprojeter e Data show. Porém, nem sempre estão funcionando ou estão disponíveis.

A escola contém 50 funcionários em média e o corpo docente formado por oitenta e quatro professores, sendo 18 com magistério, 36 superior, 30 pós-graduação. O quadro de professores é formado por contratados e efetivos. O corpo

administrativo, com a nova gestão municipal, tem como gestor o senhor Pedro Paulo S. de Andrade.

O corpo discente é distribuído nos três turnos. Entretanto não se tem esse mesmo número de alunos frequentando as aulas, em média de vinte por cento não a frequentam . Estes discentes em sua maioria são oriundos da cidade onde a escola está situada, e alguns da área rural. Passemos em seguida à descrição das observações e das regências.

### **3.2 As Observações da Prática Docente**

As aulas observadas foram da disciplina de Língua Portuguesa, na turma do 9º 8º e 7º anos do Ensino fundamental maior (Osmar de Aquino), ministradas pelo professor “X” (Licenciatura em Letras) que nos permitiu acompanhá-la. E nas turmas de 02 e 03 anos do Ensino Médio (E.E.E.F e Médio professor José Soares de Carvalho) ministrada pela professora z, com trinta anos de profissão, formada em letras e especialista na área.

No dia 07/04/2015, foi dado início ao estágio na escola Osmar de Aquino, na primeira classe de 8º ano no horário de 13h15 ate as14h00 horas. O professor trabalhou oração sem sujeito com utilização de textos e interpretação do mesmo, os alunos tinham uma faixa etária de 13 a 14 anos de idade. Durante o período que realizei a observação da prática docente na referida escola, eu achei um pouco difícil, pois de certa forma é constrangedor você está dentro de um ambiente que não é seu, e ainda há o fato de que o professor (acredito) não gosta de ser observado. Para muitos docentes, uma observação em sala, permite uma especulação, uma vivência e críticas sobre o seu trabalho realizado em sala de aula. Seguimos observando o primeiro estagio e percebemos que o Livro Didático era o principal recurso utilizado, contrariando os PCN (1997, p.67):

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma ampla do conhecimento.

Neste aspecto, acreditamos que o contato com o livro didático permite uma aproximação maior na aprendizagem dos alunos com o ensino do português. Mas é preciso que outros recursos façam parte da aula e que despertem o interesse de aprender a Língua Portuguesa, seja com uma aula campo ou até mesmo utilizando uma música mais conhecida deles e assim chame a atenção de todos.

Já a segunda sala que observamos foi de 9º ano, iniciada às 14h com alunos na faixa etária de 15 anos de idade. O professor iniciou a aula com gramática (termos da oração) mostrando como se divide uma gramática; fonética, morfologia e sintaxe e em seguida, complementou o assunto com uma conversa informal. Pudemos perceber que os alunos não se manifestavam, em termo de explorar, e perguntar, só faziam escutar e não tiravam as dúvidas, sem interação, professor- aluno. O docente poderia ter utilizado outras estratégias para chamar atenção para o assunto trabalhado como, por exemplo, utilizar frases engraçadas ou frases criadas por eles próprios.

Observamos que o professor tem domínio do assunto, mas explicava muito rápido, deveria explorar mais, uma vez que os alunos não demonstravam domínio do assunto. Porém os próprios alunos demonstrava preguiça e falta de interesse, em estudar, com isso a interação e compreensão professor-aluno se tornava algo sem produtividade. Apesar de a observação ter acontecido em curto espaço de tempo, foi percebido que a metodologia do professor prosseguiu de forma diferente de turma para turma. De forma positiva, pois cada turma apresentava suas dificuldades e de acordo com essas dificuldades, o professor testava uma nova estratégia didática.

A última sala observada foi a de 7º ano na qual pudemos fazer uma maior observação, pois ficamos na sala de aula duas aulas seguidas, iniciando no primeiro momento com um exercício referente ao assunto dado anteriormente de locuções verbais. Logo de início observamos que os alunos desta sala eram bastante agitados e desobedientes, falavam palavrões e faziam gestos inadequados um com o outro, dificultando o trabalho do professor que a todo instante chamava a atenção da turma. Pude notar também que a maior parte dos alunos era fora da faixa etária para a turma. Na aula seguinte o professor fez uma interpretação de texto, após uma leitura com todos e um abordagem oral do que se falava o texto, neste momento a turma ficou mais tranquila e o professor aproveitou este momento para aprofundar o assunto iniciado, obtendo a participação da maioria.



No dia 12/05/2015 foi iniciado o estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, na sala do 2º ano, era também o primeiro dia de aula da professora, pois mesmo não sendo o início do ano letivo ocorreu uma mudança com os professores da escola. A aula iniciou-se às 13h. Essa turma era bastante educada e tranquila a professora pode ter uma conversa com eles bem agradável e de grande importância para o futuro de cada um. Falou sobre Enem, mercado de trabalho e ética. Além dessa conversa informal mostrou como iria trabalhar os conteúdos e as formas de avaliação. Era uma turma muito grande, mas a professora transmitiu tudo que deseja com eles.

A segunda aula foi nessa mesma turma, fazendo uma revisão dos conteúdos dados anteriormente pela antiga professora e assim conseguindo observar de onde deve continuar os conteúdos e a analisar as dificuldades da turma. A terceira e a quarta aula foram no 3º ano, a professora fez o mesmo processo que nas primeiras salas; iniciando com uma conversa informal aconselhando-os para a vida e em seguida passou um vídeo muito interessante falando sobre sinalização no trânsito, debateu com os alunos sobre o vídeo e sobre os gêneros textuais e depois solicitou para os alunos a produção de um texto dissertativo-argumentativo, e a todo instante a professora orientava a turma e dava dicas para enriquecer o texto feito por eles.

O período de observação no ensino fundamental e médio foram de grande importância para a minha vida acadêmica, pois, observei as atitudes dos alunos em sala de aula, a postura do professor diante das diversas situações como também suas estratégias didáticas para desenvolver os conteúdos.

No decorrer das observações prestei atenção no processo ensino-aprendizado, no ensino da Língua Portuguesa, e ainda observei as estratégias que o professor utilizava em sala de aula, incluindo, aquelas pautadas no livro didático. Apesar das condições oferecidas pelas escolas, das dificuldades apresentadas, diariamente a cada professor (a), vemos que esses (as) docentes fazem bem o seu papel. Mas em alguns momentos, poderiam ampliar suas possibilidades metodológicas. O período de observação no Ensino Fundamental possibilitou uma visão mais aproximada da futura regência. Descrita a seguir.

### **3.3 As Regências das Aulas**

As aulas de Língua Portuguesa, das turmas do 9º e 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Osmar de Aquino são ministradas pela professora “Y”, (Graduada em Letras) que nos permitiu estagiar nessas turmas citadas. No dia 14 de março de 2016, foi dado início ao estágio, onde estagiei na turma do 8º ano, uma turma com um número de alunos bastante pequeno, e em sua maioria, alunos na faixa etária de 17 à 20 anos. A turma tinha 15 alunos, sendo a maior parte do sexo feminino e que se mostrava sempre tranquila e participativa, apesar de identificar alguns tímidos, assim sendo consegui realizar todas as atividades planejadas.

Na sala de aula dos 9º precisei aumentar o tom de voz, pois diferente da primeira, essa era agitada e maior. Diante dessa realidade, idades e níveis de conhecimento totalmente diferenciados, pode-se notar o quanto é importante o posicionamento do professor sobre a sua prática de ensino, levando-o sempre a inovar sua bagagem educacional e buscar a cada dia, mesmo diante da realidade do dia a dia escolar, maneiras criativas de confrontar a falta de recursos, quando não se tem, a indisciplina dos alunos e a escassez de funcionários que trabalham apoiando o docente.

De acordo com os propósitos do curso e com minha vida profissional, posso dizer que particularmente o estágio me acrescenta novos olhares para a vida e para minha profissão. Mesmo já atuando na área da educação me surpreendi com algumas realidades, porém me vislumbrei com a capacidade de ensinar e aprender ao mesmo tempo. Do ponto de vista da inovação, nossas aulas não foram diferentes das já ministradas pela professora. Algumas modificações surgiram na apresentação de uma oficina.

Após as aulas, iniciamos uma oficina na mesma turma já conhecida (8 ano) e outra não apresentada ainda (9 ano). Logo nos apresentamos às turmas e antes de mostrarmos a dinâmica fizemos uma sondagem dos assuntos que estão presentes na dinâmica com o objetivo de identificar se os alunos o compreenderam bem e assim iniciamos falando sobre COESÃO E COERÊNCIA e em seguida explicando a dinâmica que seria com vários dados e cada um teriam palavras: substantivas, adjetivas, artigos, pronomes, entre outros e eles iriam jogar os dados e com as palavras identificadas eles iriam formar frases com sentido (coerência) e com a estrutura correta (coesão). Formamos equipes e fizemos em forma de disputa, foi bem interessante, todos participaram e com isso tiramos algumas dúvidas que surgiram. Em seguida, após várias frases formadas por eles mesmos concluímos

com um exercício. Ambas as turmas participaram bastante mesmo apresentando alunos mais agitados, sem respeito com seus colegas e até mesmo com a professora, mas no final tudo deu certo e conseguimos alcançar os objetivos planejados.

### **3.4 O Relatório – breves considerações sobre o estágio**

Na realização do meu relatório pude descrever os momentos marcantes dos meus estágios. Fatos estes que servirão de base para meu futuro como docente, pois pude registrar momentos de ações variadas, tipos de escolas, professores com personalidades diferentes durante todos os estágios. O que eu senti de maior dificuldade foi mostrar em palavras a falta de interesse dos alunos, de forma que não demonstrasse uma generalização, que no caso não era, presenciei momentos maravilhosos, alunos inteligentes e participativos, um ânimo para mim que iniciou esse mundo com receio por muitas vezes não encontrar alunos assim, o que me surpreendeu e me deu estímulo para tentar ser igual ou melhor do que aquela professora. Mas nem só de bons momentos vive o ensino. Ao término dos estágios observei que ainda existem muitas dificuldades na língua portuguesa (falta de recursos, capacitação, a crescente indisciplina...) e a falta de ferramentas para que os professores melhorem a situação. Muitas vezes eles até buscam inovar suas aulas, mas sem recursos físico e materiais, as inovações não prosperam. O professor (a) volta-se para uma metodologia mais tradicional. Ensinar volta a ser transmitir conhecimentos e menos interação, como dizia Bakhtin (2007). As instituições internas da escola: coordenação, supervisão e direção deveriam apoiar e acompanhar mais os professores (as) para que os experimentos em sala de aula ultrapassem uma ou duas turmas, mas se torne uma prática coletiva na escola.

Apesar de apresentar o meu olhar de fora, como estagiária, tentei observar o lado dos professores e registrar suas ações na sala de aula com um olhar diferente, principalmente quando assumi a sala de aula. Agora seria eu a ser observada e a sentir na pele as mesmas dificuldades. Busquei compreender os professores e principalmente saber registrar no relatório, de forma justa, os seus desempenhos docentes. Agradeço cada fase dos meus estágios, cada uma me transmitiu uma aprendizagem não para minha prática educadora, mas também para a vida.

#### **4. ANÁLISE: ENTRE AS AULAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A REALIDADE DE ENSINO DE LP**

O ensino de língua portuguesa passa por grandes dificuldades, seja do ponto de vista dos alunos, seja do professor. Esse fato, já afirmado por grandes estudiosos da língua se evidenciou também no Estágio Supervisionado. Na universidade aprendemos que não se deve permanecer com velhas práticas tradicionais de ensino de LP; que a língua deve ser interação; que o texto deve ser o objeto da aula de LP; que se devem valorizar as práticas linguísticas e culturais dos alunos, e que não deve ser usado como um fim... Como alerta Bagno (1999). Esse ensino [...] em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva) cuja consequência inevitável é a criação de um sistema de incapacidade, de incompetência, atribuída ao aluno, pelo professor (a).

E é assim, na escola, no entanto, os alunos sentem-se distantes da realidade, entre língua portuguesa culta e a praticada no dia-a-dia. Não aprendem a norma culta e sentem a sua norma ser desvalorizada. A interação não é levada em consideração como deveria. Os professores, diante dessas e de outras mudanças ocorridas no ensino (a tecnológica, por exemplo), convivem entre as novidades e as certezas antigas. Tentam mudar, mas não encontram sustentação e muitas vezes, voltam para as aulas tradicionais, um porto seguro. Afinal, ensinar gramática, descontextualizada, exercícios para transcrever trechos e repetição de modelos ainda são práticas bastante utilizadas nas aulas de língua portuguesa. Mas boas práticas, contextualizadas e ou reflexivas, também podem ser observadas.

#### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda hoje, pode-se perceber que o ensino de Língua Portuguesa ainda guarda traços do paradigma tradicional. Em algumas escolas ele ainda continua centrado no ensino da gramática, desvinculado de maiores reflexões, descontextualizado, distante das verdadeiras necessidades dos alunos. Tantos os

professores (as) do Brasil, quanto os futuros professores (as) precisam ter em mente que a linguagem mudou, acompanhado as mudanças da sociedade. Hoje temos mundo de informação e tecnologia e cuja interação se faz mais necessária a cada dia. Para sintonizar com essas mudanças, há, hoje, muitas opções metodológicas e tecnológicas que se constituem uma opção a mais para as atividades pedagógicas, indo além do giz, livro didático e da antiga lousa. Dessa forma, ao iniciar as regências o licenciando (a) deve buscar a forma mais adequada de integrar o humano e o tecnológico, de ampliar as possibilidades, de organizar a comunicação com os alunos.

No entanto, nem sempre na sala de aula, tais recursos estão presentes, ou se estão presentes, não podem ser utilizados, ou são mal utilizados. Faz-se necessário um esforço conjunto para que os professores (as) sejam acompanhados por outros agentes públicos na implementação e continuidade de suas atividades didáticas. Vimos durante o estágio que alguns profissionais buscam melhorias para o ensino de LP, nas suas aulas. Mas não há uma prática sistematizada, de longa duração. São geralmente, ações esporádicas. Predomina assim, as mesmas práticas.

Vimos, então, certo descompasso entre o ideal do ensino de língua portuguesa, discutido pela academia e as pesquisas científicas e as práticas de linguagem praticadas nas salas de aula observadas. Devemos levar em consideração o fato de que foram poucas aulas observadas, poucas regências e poucas escolas. Esse fato inviabilizaria uma leitura mais atenta e justa da questão. Por enquanto, ficamos que esse pequeno recorte da realidade. Posso concluir com a certeza de que o estágio foi um dos componentes curriculares mais relevantes para minha formação e de crescimento pessoal. Os estudos trouxeram-me respostas na prática o que é essencial, no convívio com pessoas experientes e com o próprio alunado. Não posso esquecer também que pude analisar não apenas alunos e professores, mas também a realidade da escola, seus problemas de organização e recursos. Ser professor é ter um mundo em nossas mãos, é construir pessoas para a vida, para um olhar questionador e renovador.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. Os objetivos do ensino de língua na escola: uma mudança de foco. In: COELHO, Lígia Manha. Língua Materna nas séries iniciais do ensino fundamental. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Língua materna, Letramento, variação e ensino. São Paulo; Parábola Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. Preconceito linguístico: O que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 7. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1997. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental.
- \_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2000.
- GERALDI, J. W. (org.). O texto em sala de aula. 2. ed. Coleção: Na sala de aula. São Paulo: Ática, 2007.
- MURRIE, Zuleika de Felice (Org.). O Ensino de Português: do primeiro grau à universidade. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- PIMENTA, Selva Garrido; LIMA, Maria Lucena. Estágio: diferentes concepções. In Estágio e docência. 5° Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas — SP: Mercado das Letras, 1996.
- SANTOS, M. do Carmo de O. Turchiari e LONARDONI. Prática de ensino de Língua Portuguesa e estágio supervisionado: questões a serem discutidas, Disponível em: [HTTP: // periódicos UEM br/.1897](http://www.periodicos.uem.br/1897).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.